

Prefácio

Abrindo os porões de nossa humanidade

Além de animais racionais e emocionais, marcados pela beleza, bondade e crueldade somos sexo e gênero, isto é, somos vivências plurais de nossa realidade corpórea sempre em mutação. Falar dessa realidade como parte de nossa condição, para além dos dualismos que nos caracterizaram, é uma novidade que tem crescido nas diferentes análises filosóficas e sociais. Sexo e gênero afirmados como realidades políticas parecem ser um dos atrevimentos das ciências sociais e até de muitas filosofias e teologias de nosso tempo.

Pretendem, de certa forma, quebrar a hegemonia do mundo capitalista patriarcal a partir do qual a ordem hierárquica excludente se manifesta em todas as atividades da organização do mundo. Uma ordem em que se acredita que o mundo humano é assim constituído e organizado até por vontade divina no qual os mais fortes sempre vencerão. Quem são os mais fortes? Será que de fato vencerão? Será que de fato venceram? Qual foi o preço dessa vitória? Seria acaso os milhares de mortos, as milhares de florestas destruídas, as milhares de pessoas errantes em busca de um lugar para viver que atestam sua vitória? Seria acaso o anúncio da morte do planeta e a vitória do triunfo das hierarquias excludentes a marca de sua vitória?

Nos dias de hoje as diferentes posições começam a entrar nas muitas polarizações que fragmentam ainda mais o nosso mundo e abrem distinções e mais distinções. Estas se mostram umas contra as outras como se no final teríamos que afirmar uma nova verdade única à qual todas as pessoas deveriam aderir. E a isto muitas vezes chamamos de pluralismo e até de respeito ao pluralismo. Antes de louvar o pluralismo de forma ingênua é preciso fazer algumas perguntas. As perguntas provisórias que faço são: Como convive o plural do pluralismo e quem ordena este mesmo pluralismo? Quem permite ao pluralismo de existir sem que seus processos históricos que se mostram em nossos comportamentos cotidianos não se excluam uns aos outros? Quais são os sujeitos históricos nesse combate? Quais as suas identidades e lugares de vida e atuação? Há que guardar essas perguntas e voltar a elas periodicamente.

A polarização e a beligerância nas diferentes posições tornam-se posturas políticas, culturais, educacionais e religiosas. Essa é a novidade que irrompe e toca todos os grupos e todas as atividades humanas. Uma novidade de consciência, porém de difícil e complexa convivência! Nos tempos da inteligência artificial, dos meios de comunicação de grande rapidez de informações não se permite a lentidão ou a

necessária ruminação das ideias, das reflexões sobre si e o mundo. Sem percebermos atacamos continuamente posições diferentes sem saber bem as consequências reais do que nós mesmos propomos. Uns atacam para defender a estabilidade da natureza, das leis sociais, da família tradicional branca e europeia, da religião revelada por Deus e de suas leis imutáveis. Outros atacam para defender a diversidade apontando seu fundamento na própria natureza das coisas, na diversidade de etnias, de gêneros, de comportamentos como fonte de manutenção da vida. Afirmam um fundamento divino repousando na pluralidade da criação, porém vivenciam a novidade do desejo na contradição da necessidade da estabilidade nas instituições. Como poderiam as velhas instituições fundadas na verdade única incluir um pluralismo de verdades e sobretudo de expressões dessa verdade? Se aceitassem esse desafio não estariam se autodestruindo?

Como sair da idolatria do imediato e da idolatria do perene? Como articular o provisório com a crença no definitivo? Como se mover e sobreviver numa casa onde seus membros estão uns contra os outros? Porém, embora estejam emocionalmente e politicamente desunidos, estão condenados a habitar a mesma casa. O planeta, nossa casa comum, fornecedor da água, do ar, da terra que nos dão vida está sendo de novo dividido. Agora não é mais o conquistador do século XVI vindo da Europa. Agora são todos contra todos onde sem dúvida os mais vulneráveis perecem em primeiro lugar e os mais astutos conservam sua vida por mais tempo.

Os conquistadores são de várias nações, de várias etnias, de várias orientações sexuais que se juntam para uma nova posse e divisão do mundo. Se juntam para que acreditemos que eles nos forneceram o bem que necessitamos para viver em harmonia, que eles sabem por onde nossa história comum deveria caminhar. E estamos seduzidos/as por seus discursos. Estamos vendendo nossa alma aos novos demônios disfarçados em anjos que nos atraem e seduzem com seus discursos, com suas máquinas, com suas novas comidas, com as novas bebidas que dão energia e produzem corpos esculturais capazes de vencer os limites da natureza. Prometem-nos mais do que nossos deuses nos prometeram. Vão além do bem e do mal circunscrito ao que nossas avós nos contaram e educaram. Um novo olimpo preside e dá fundamento à suas ações!

O imediatismo nos invade, a superficialidade de conhecimentos, o verniz da sabedoria, o abandono da reflexão das causas e efeitos mediatos e imediatos dão lugar à pressa na qual vivemos. Todos queremos ter razão mesmo sem saber as consequências de nossas razões. Todos queremos salvar a vida de todos e a vida do planeta. São discursos! E sabemos bem que os discursos não tocam de fato o direito de

todos à vida, que os discursos podem falar do direito à vida, mas a vida misturada, a vida real amante e cruel que ao mesmo tempo temos é capaz de negar os discursos e mostrar nossas sombras e contradições. E as sombras podem ser vitoriosas, podem matar a vida mesmo querendo defendê-la. Como sair desse labirinto ou até desse inferno em que nos lançamos? A reflexão foi um caminho da humanidade nas situações difíceis. Reflexão como uma flexão sobre si, como um dobrar-se para ver sua interioridade, para reconhecer-se de novo como dependentes, interdependentes, necessitados uns dos outros e do todo que nos envolve.

Por isso uma coletânea de textos que de diferentes pontos de vista tocam esta problemática a partir do *sexo* e do *gênero* nos parece um instrumento útil para nos convidar a, de fato, refletir sobre nosso mundo e tirar as consequências sobre nossas atitudes e desejos de nosso presente. Como as questões de sexualidade e de gênero nos interrogam pessoalmente e coletivamente? Como nos situamos efetivamente nelas? Como nós nos contamos através delas sem medo de nossa verdade?

Não se trata apenas de uma escolha teórica ou de mediações analíticas, mas de vivências nas diferentes instâncias das relações humanas nas quais necessariamente temos que nos implicar de diferentes formas. Os diferentes artigos aqui publicados nos convidam a abrir os porões de nossa humanidade! O que há de escondido nesses porões que não queremos encontrar, que não queremos revelar, que não queremos admitir? O que há de escondido que parece convidarmos a uma beligerância contínua entre nós? Trata-se nada mais e nada menos de nossa comum fragilidade, de nosso medo da morte, dos artifícios de proteção que fabricamos para nos iludir que estão sendo hoje abalados.

Nossos discursos sobre a justiça, a verdade, o amor podem muitas vezes esconder a cizânia presente em nossos porões e sobretudo aquilo que expressa e denuncia nossos desejos de poder, de posse, de dominação uns dos outros misturados ao acordo ao menos aparente de que todos e tudo tem direito à vida. Somos através da reflexão convidadas/os a sair de nossas ilusões, a admitir nossa ignorância e as paixões que alimentam nossa vontade de poder sempre mais do que os outros. Talvez essa situação aflitiva também seja um caminho para serenar nossos implacáveis julgamentos e para humildemente pensar-nos a partir de nossa própria finitude?

A autoridade de nosso discurso só pode se manifestar a partir da autoridade de nossas ações reais em favor da vida. As teorias de fato não nos julgam em profundidade. As teorias não nos situam na dimensão do cuidado mútuo real e cotidiano. São expressões talvez de um desejo sincero de bem. São elaborações argumentativas que podem ajudar-nos. Porém, insuficientes para que todos comam, bebam e se relacionem com dignidade e respeito.

Estamos sendo convocadas/os para uma prática além das velhas teorias que seguimos repetindo. Estamos sendo convocados/as a sentir e a responder à dor real dos outros, a sanar as feridas das outras, a deixar viver os lírios do campo, a anunciar um caminho de convivência possível entre os diferentes. Estamos sendo convocados a tirar a *trave* de nossos olhos ao mesmo tempo que apontamos para a *palha* no olho dos outros. Este velho ensinamento presente nos Evangelhos deveria ser continuamente atualizado.

É nessa linha igualmente que espero que esta leitura nos inspire e torne nossas utopias 'topias' possíveis. Vivências reais que nos tornam aquilo que de melhor podemos ser.

Ivone Gebara¹
Outubro de 2021

¹ Ivone Gebara nasceu em São Paulo no ano de 1944. É doutora em Filosofia pela Universidade Católica de São Paulo e em Ciências Religiosas pela Universidade de Louvain, na Bélgica. Ingressou na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora e a partir de 1973, passou a viver no Nordeste morando em um bairro da periferia de Camaragibe, na Região Metropolitana do Recife. Foi professora de filosofia e teologia no Instituto Teológico do Recife (ITER) entre os anos de 1973 e 1989, período em que Dom Hélder Câmara era o arcebispo de Recife. É integrante da Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo e assessora grupos de mulheres e em universidades do Brasil e exterior. Foi condenada pelo Vaticano por fazer críticas à doutrina moral da Igreja, especialmente no tocante ao aborto, sendo-lhe imposto o silêncio forçado e seu traslado para a Europa por dois anos. É autora de diversos livros e artigos publicados em diversas línguas.